

IPSIS VERBIS



“NOS 50 ANOS DO TRATADO DE ROMA

➤ “Durante três gerações, houve uma narrativa política comum que sustentou o projecto de integração da Europa (Occidental), mas ela desfez-se com o fim da Guerra Fria. São poucos os europeus que hoje sabem de onde viemos, para já não falar da partilha de uma visão sobre o nosso futuro.”

Timothy Garton-Ash, 11 de Março

➤ “Os desapontados cidadãos europeus não estão interessados nestas discussões institucionais. Na medida em que Bruxelas significa alguma coisa para eles, o que lhes interessa não é a constituição mas sim a simplificação [dos tratados], e a possibilidade de terem alguma influência nos processos decisórios, o que deveria dar azo a soluções mais radicais.”

Economist, 17 de Março

➤ “Não existe organização que se lhe possa comparar em sucesso – há ainda uma grande fila de países às suas portas com vontade de entrar – mas também é difícil pensar numa razão particular que encha os europeus de contentamento no momento em que contemplam mais meio século de união.”

Financial Times, 19 de Março

➤ “Longe de ser uma coisa do passado, a UE emergiu como a contribuição mais significativa da Europa para a modernidade. [...] Verdade ou não, é significativo que 50 anos após a marcha da UE para a unidade ter começado é agora a Europa, e não os Estados Unidos, que é apontada como o novo farol para as nações.”

Andrew Moravcsik, 19 de Março

> “O projecto europeísta depende demasiadas vezes da ilusão de que seria possível corrigir séculos de história num ameno colóquio de dois dias em Bruxelas. Há questões de fé. E há questões de muita fé. Talvez desse jeito à UE ter um milagre para mostrar.”

Rui Ramos, 21 de Março

> “[A actual crise] é uma crise politicamente mais grave porque é simultaneamente uma crise de motivação das elites e uma crise de legitimidade na população. Tivemos os dois tipos de crises no passado, mas nunca ao mesmo tempo, como acontece hoje.”

Paul Magnette, politólogo belga, 24 de Março

> “[A Europa] está em pane, está num impasse, numa grande dificuldade, mas já atravessou outras. Esta talvez seja das maiores, mas vai ultrapassá-la, não tenho a menor dúvida.[...]”

Mário Soares, 25 de Março

“A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL FRANCESA

> “Tal como muitos comentadores franceses têm dito, Sarkozy é uma figura balzaquiana, o aventureiro devorado pela ambição que chega à cidade e, através de uma vontade superlativa e uma energia incansável, atinge o ponto culminante do sucesso. Tanto podia ser de esquerda como de direita. Só é fiel à ambição.”

William Pfaff, 29 de Abril

> “A França reassumiu o seu papel de nação empenhada em ser senhora do seu destino antes de pretender liderar ou influenciar magicamente o destino dos outros. Já era tempo.”

Eduardo Lourenço, 6 de Maio

“A luta entre Sarkozy e Ségolène mostrou que, pelo menos em França, a clivagem esquerda-direita está bem viva e tal terá estimulado a participação eleitoral dos franceses. Uma lição para certas democracias onde predomina o “centrão”? Eu diria que sim.”

André Freire, 7 de Maio

> “Os franceses não votaram num homem que estimem especialmente. Mas a França votou no presidente que sente que precisa. Decidiu, de forma inequívoca, que a cura por 12 anos de deriva passa por um desvio acentuado à direita.”

Guardian, 7 de Maio

> “O novo presidente representa a última, e melhor, hipótese do seu país entrar no século XXI. Durante anos, a França teve de suportar a corrupção política mais grosseira, níveis de endividamento terceiro-mundistas e um sector público de tipo COMECON. Chegou a hora de acertar as contas.”

Daily Telegraph, 7 de Maio

➤ “A eleição de Nicolas Sarkozy baseou-se num desejo de virar a página, num desejo de mudança. Ela cria uma nova ordem. A vitória do 6 de Maio é uma vitória para o progresso.”

Le Figaro, 7 de Maio

➤ “A política francesa já não serve de modelo à Europa. A França é hoje uma potência de terceira ordem, absorvida em querelas que não interessam a ninguém. A última eleição presidencial passou brevemente pela imprensa e as televisões, foi discutida quase por dever e arrumada com alívio.”

Vasco Pulido Valente, 11 de Maio

➤ “Sarkozy foi mais credível porque encarnou a ‘ruptura’ com o pântano chiraquiano. Modernizou o projecto ideológico da direita – com a própria direita no poder – e federou todas as suas correntes.”

Jorge Almeida Fernandes, 13 de Maio

“A CRISE CONSTITUCIONAL TURCA

➤ “Não são as medidas autoritárias mas o aumento das liberdades e a democracia que têm ajudado o secularismo a enraizar-se entre a maioria do povo turco. Os cidadãos que são a favor de uma verdadeira democracia secular devem fazer ouvir as suas vozes contra o envolvimento dos militares na política.”

Sahin Alpay, jornalista turco, 30 de Abril

➤ “Os generais, e não os políticos, são os verdadeiros defensores da chama de Atatürk e, tal como o pai fundador do país, não irão ficar indiferentes se os turcos se esforçarem por voltar aos seus antigos caminhos islâmicos.”

Con Coughlin, especialista britânico em assuntos do Médio Oriente, 4 de Maio

➤ “A razão pela qual os olhos do mundo estão esta semana fixados na Turquia é a possibilidade de o Exército intervir para limitar o papel do Islão no Governo. E se a Turquia não for capaz de conciliar o Islão e a democracia, então quem será?”

Economist, 5 de Maio

➤ “Este é um teste decisivo para verificar se as Forças Armadas turcas respeitam o secularismo e as relações entre civis e militares num sistema democrático.”

Olli Rehn, comissário europeu para o Alargamento, 29 de Abril

➤ “O pior que poderia acontecer à Europa e à Turquia seria que os responsáveis europeus utilizassem esta crise, não para emendar alguns dos seus clamorosos erros dos últimos anos, mas para encontrarem o argumento que lhes faltava para justificar a rejeição da Turquia.”

Teresa de Sousa, 2 de Maio

“A SAÍDA DE TONY BLAIR

> “Há um Reino Unido antes e outro depois de Blair: porque conservou o melhor do que herdou e corrigiu o que pôde. Para mais, foi coerente e até ao fim. Até no Iraque e na relação da Europa com os Estados Unidos.”

José Manuel Fernandes, 1 de Maio

> “Um produto tardio dos anos 80, Tony Blair será recordado por ter usado o seu partido como o veículo para uma versão anacrónica do projecto de Thatcher.”

John Gray, 7 de Maio

> “Todas as carreiras políticas terminam na miséria, mas não é sempre a mesma miséria. Ao sair, Tony Blair é profundamente impopular no país, mas bastante respeitado no exterior.”

Timothy Garton-Ash, 10 de Maio

> “Blair foi sempre leal aos residentes da Casa Branca. Na Europa preferiu Aznar a Zapatero, Merkel a Schröder, ficou muito impressionado com Berlusconi e mais recentemente não escondeu o seu apoio a Sarkozy. Ele percebeu que a privatização e a desregulamentação interna eram parte do mesmo mecanismo das guerras externas.”

Tariq Ali, 11 de Maio

> “Não é suposto Brown ser Blair. Se não gostava do persistente sorriso e da hipócrita felicidade de Blair, Brown é o seu ideal. Se detesta líderes preocupados com a opulência, *glamour*, estrelas de rock, com casas de férias, descanse: Brown não quer nada disso.”

Simon Jenkins, 14 de Maio

> “Não é o Iraque, nem o sistema de segurança social, nem a economia, nem a paz na Irlanda do Norte que será abordado pelos futuros biógrafos de Blair, mas a discrepância entre a sua linguagem sofisticada e a realidade muitas vezes suja. Não porque esta questão tenha implicações políticas, mas porque é um mistério genuíno.”

Anne Applebaum, 15 de Maio

“A ELEIÇÃO DE RAMOS-HORTA

> “O problema de certa liderança da Fretilin é que continua a viver dos *slogans* dos anos 70. Tendo vivido em Moçambique durante 30 anos, não tiveram sensibilidade para perceber que Timor mudou muito em 24 anos.”

José Ramos-Horta, 9 de Maio

> “Qualquer que seja o resultado para a Fretilin, estamos dispostos a aceitá-lo. Quero ganhar com dignidade ou perder com dignidade.”

Francisco Lu-Olo, 10 de Maio

> “Afinal, a democracia não se inventou para os ricos. Esta crença comovente nas virtudes do voto exprime uma combinação prodigiosa de ingenuidade e sabedoria.”

Pedro Bacelar de Vasconcelos, professor universitário e antigo conselheiro da ONU em Timor-Leste, 11 de Maio

> “Infelizmente, não me parece realista fazer convites [para a cerimónia de tomada de posse como PR] em tão pouco espaço de tempo. Não sou um Bill Clinton ou uma Jennifer Lopez para as pessoas correrem a visitar-me.”

José Ramos-Horta, 11 de Maio

> “A vitória decisiva de José Ramos-Horta nas eleições presidenciais de Timor-Leste foi uma mudança significativa para criar uma genuína democracia multipartidária e quebrar o domínio das organizações políticas que conduziram a luta pela independência.”

International Herald Tribune, 11 de Maio

> “José Ramos-Horta é um homem complicado, mas isso até pode ser um factor positivo, na medida em que ele se prepara para permanecer ao leme de um país muito complicado nos próximos cinco anos.”

Stephen Fitzpatrick, jornalista australiano, 12 de Maio

Citações recolhidas por Carmen Fonseca e Pedro Aires Oliveira

FONTES:

The Australian, Daily Telegraph, Economist, Le Figaro, Guardian, IHT, Newsweek, New Statesman, Público, Times, Washington Post, Zaman Daily News